

Nomofobia no ambiente organizacional de compras públicas

RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar a percepção de servidores sobre a nomofobia no ambiente de trabalho de compras públicas. Utilizou-se a pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevista semiestruturada. O modo de investigação da pesquisa se deu por meio de estudo de caso, sendo os dados submetidos à Análise de Conteúdo. O quadro de análise continha quatro dimensões: incapacidade de comunicação, incapacidade de acessar informações, renúncia da conveniência e perda de conexão. Os resultados da pesquisa revelaram haver comportamento nomofóbico no *lôcus* investigado. A partir das dimensões investigadas, foi possível construir um quadro com os indícios de nomofobia no ambiente da administração pública de compras/licitação na organização estudada, seus consequentes e as estratégias de apoio organizacional que podem ser empreendidas para a promoção do equilíbrio tecnológico e social dos servidores.

PALAVRAS-CHAVE: Nomofobia. Administração pública. Compras públicas.

Juliana Carvalho de Sousa
Universidade Federal do Piauí,
(UFPI), Teresina, Piauí
juli.cs1009@gmail.com

Francisco Diógenes Junior
Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte (UERN), Natal, Rio
Grande Do Norte
diogenesjunior@alu.uern.br

Ahiram Brunni Cartaxo de Castro
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio Grande
do Norte (IFRN), Natal, Rio Grande
do Norte
brunnicastror@hotmail.com

Pablo Marlon Medeiros da Silva
Universidade Federal Rural do
Semi-Árido (UFERSA), Mossoró,
Rio Grande do Norte
pablo_marlon17@hotmail.com

Arthur William Pereira da Silva
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará
(IFCE), Fortaleza, Ceará
arthurwilliamadm@hotmail.com

Patricia Tatiana Ferreira Ramos
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio Grande
do Norte (IFRN), Mossoró, Rio
Grande do Norte
patricia.ramos@ifrn.edu.br

INTRODUÇÃO

O surgimento de novas tecnologias mudou o modo como as pessoas se relacionam, se informam, pensam e pesquisam. Por conta dessa mudança, o modo das organizações se comunicar também foi alterado.

Um dos símbolos da evolução tecnológica são os smartphones, cujo uso e funções se expandiram exponencialmente (SAMAH; HAWI, 2016; MAZIERO; OLIVEIRA, 2017; FREITAS, 2018; BETONCU; OZDAMLI, 2019; PINHEIRO; BARBOSA; PINHEIRO, 2020). De outro lado, a capacidade de integrar diversas funcionalidades e entretenimento aumentou a dependência das pessoas à tecnologia. O uso exagerado dos smartphones tem trazido efeitos na saúde mental, física, comportamental, social e emocional das pessoas (TEIXEIRA et al., 2019; MORENO-GUERRERO et al., 2020).

A alta dependência do telefone móvel por parte dos indivíduos recebeu o nome de “Nomofobia”, termo que foi originado na Inglaterra (PEREIRA, 2020). A Nomofobia pode ser definida como o medo de ficar sem contato com o telefone móvel, ou ser incapaz de usá-lo devido à ausência de sinal, falta de bateria, ou outras razões (ARGUMOSA-VILLAR; BOADA-GRAU; VIGIL-COLET, 2017; ADAWI et al., 2019; MORENO-GUERRERO et al., 2020). Diante do contexto da pandemia do Coronavírus, em que houve a restrição de interações sociais diretas (CAPONNETTO et al., 2021), o mercado e a sociedade passaram a depender ainda mais do aparato tecnológico, em especial dos smartphones (YILDIRIM; CORREIA, 2015), tornando-o como parte de sua essência (PEREIRA, 2020).

Alguns estudos buscaram entender a relação entre a dependência tecnológica e sintomas psicopatológicos. Teixeira et al. (2019) realizaram uma pesquisa com 33 acadêmicos do curso de psicologia de uma universidade brasileira, e concluíram que algumas consequências da dependência tecnológica estavam presentes nos hábitos e comportamentos dos respondentes. A ansiedade foi a característica mais constatada entre os participantes. Resultado semelhante pôde ser visto nos estudos de Moreno-Guerrero et al. (2020) e Kuscu, Gumustas, Rodopman e Goksu (2021). Adicionalmente, outras investigações apontaram para consequências como hiperatividade, depressão, tédio (TEIXEIRA et al., 2019; MORENO-GUERRERO et al., 2020) e estresse (TAMS; LEGOUX; LÉGER, 2018), sinalizando às organizações a necessidade de práticas de gestão de pessoas e de qualidade de vida que possam mitigar os efeitos da nomofobia, a exemplo do *mindfulness* (HOGE et al., 2013; DINESH et al., 2022) e da atenção plena (REGAN et al., 2020), pois os efeitos da nomofobia, no uso problemático de smartphones, diminuem com essas práticas, segundo os autores.

Diante deste cenário, Rodríguez-García, Moreno-Guerrero e Lopez Belmonte (2020), a partir de uma revisão sistemática com uma amostra de 142 artigos internacionais, enquadraram a nomofobia como um problema de saúde que afeta negativamente as pessoas causando problemas psicológicos e alterações físicas e comportamentais. Portanto, o escopo da pesquisa sobre a temática ainda está focado nas pessoas, em detrimento dos estudos organizacionais. Esse contexto é afunilado ainda mais quando o fenômeno está contido na administração pública. Por meio de estudo bibliométrico, Alves, Antonio e Laux (2021) realizaram uma taxonomia das pesquisas sobre nomofobia, incluindo um corpus com 31 trabalhos. O referido estudo bibliométrico confirmou que os

estudos sobre o assunto não têm seu foco e escopo nas organizações, muito menos no *lôcus* administração pública; mas nos sujeitos.

A partir de consulta nas bases Scopus™ e Web of Science™ utilizando-se como descritores *nomophobia and “public administration” or “public management” or “public sector”*, pesquisa feita nos títulos, resumos e palavras-chave, em toda a série histórica das bases até o ano de 2021, o gap da temática nos estudos organizacionais ficou ainda mais evidente, pois não foram encontrados registros que associem o campo da administração pública ao fenômeno da nomofobia. Outra constatação foi que o fenômeno ainda é pouco explorado no Brasil, corroborando a percepção de Oliveira et al. (2017).

No contexto da administração pública, o trabalho com compras e licitações públicas é uma das atividades meio intersetorial que requer atualização legal e técnica constante, consultas a bancos de dados, participação em networks sobre o assunto, em comissões, eventos e mentorias (FERNANDES, 2019). Essas atividades colocam os membros de equipes de compras públicas em contato permanente mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), em especial os smartphones. A manutenção dessa condição on-line é reforçada pelas constantes mudanças na legislação e pela vigilância que os processos de compras públicas têm por órgãos de controle internos e externos, pela sociedade civil organizada e pelo controle social. Além disso, tem se tornado cada vez mais comum a operacionalização dos processos de compras, e muitas vezes obrigatória, a comunicação institucional se darem pelos meios digitais, ampliando a necessidade de acesso constante aos smartphones, o que potencializa a dependência dos servidores públicos pelos equipamentos e pela tecnologia.

Diante deste acervo, questionou-se: Qual a percepção de servidores que atuam em compras públicas sobre a nomofobia no ambiente de trabalho? Neste contexto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de servidores sobre a nomofobia no ambiente de trabalho de compras públicas.

A realização da presente pesquisa buscou contribuir para sensibilizar – ampliar a percepção, enquanto consciência – sobre os consequentes do uso excessivo dos smartphones no ambiente de trabalho, evitando-se o desenvolvimento de um padrão *workaholic*, ampliado pela dependência tecnológica. O estudo possui relevância, pois investigou a nomofobia no ambiente organizacional público, pouco explorado, o que pode evitar o desengajamento ocupacional (CRUZ; BRAGATTO, 2021) de servidores públicos que atuam com compras e melhorar a sua produtividade individual e em equipe (CAPPELLOZZA; MORAES; MUNIZ, 2017).

Do ponto de vista da ciência, buscou-se, com esta pesquisa, fortalecer as publicações acadêmicas nos estudos sociais aplicados, contribuindo para a maturação do tema no Brasil e na área da Gestão Pública, por meio da explicação de determinadas categorias de fenômenos e da construção de quadro sistematizador. Do ponto de vista da vinculação do tema com a discussão sobre tecnologia, tem-se que o Estado brasileiro vem migrando dos serviços burocráticos para o fomento ao governo eletrônico/serviços eletrônicos ao cidadão e inovação tecnológica, mudanças na qual cabem discussões sobre o equilíbrio tecnológico como um fator de proteção contra a nomofobia (MODESTO; FONSECA; DE SOUSA, 2022).

Quanto a vinculação do tema com a discussão sobre a sociedade, foram identificados consequentes que se relacionam com o impacto da nomofobia na saúde mental de servidores públicos e no trabalho que é prestado à sociedade. Por outra lente, procurou-se com essa pesquisa na administração pública que a ciência (re) encontrasse seu caminho – servir à sociedade, pois há uma reivindicação de que o conhecimento científico desenvolvido e financiado pela academia seja usado primeiro para o benefício da sociedade e, em seguida para o mercado (VERMEULEN, 2005).

O AVANÇO TECNOLÓGICO DA COMUNICAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS

As pessoas estão inseridas na era da informação (STEWART, 1997), em um contexto em que as relações estão cada vez mais volúveis, dinâmicas e líquidas (BAUMAN, 2001).

As novas tecnologias permitiram que as pessoas fossem inseridas dentro de novos processos de comunicação, fazendo com que o tempo e o espaço fossem reduzidos, resultando numa falsa sensação de que o homem pode estar em diferentes lugares ao mesmo tempo, por meio da tecnologia móvel. O avanço da comunicação ocorre de maneira tão rápida que um estudo realizado pelo Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (FGVcia), da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP), revelou que há 424 milhões de dispositivos digitais – computador, notebook, tablet e smartphone -, em uso no Brasil (PORTAL FGV, 2020).

Os smartphones são os dispositivos digitais mais utilizados (PORTAL FGV, 2020), pois possuem tela sensível ao toque, acesso à internet e um sistema capaz de realizar inúmeras aplicações, como enviar e receber mensagens de texto, áudio e vídeo, navegação na internet e redes sociais, por exemplo. Estas aplicações fizeram com que os telefones se tornassem um meio simples de se comunicar. Assim, os smartphones se tornaram o meio principal de comunicação, devido ao grande número de pessoas que passaram a se comunicar utilizando dos mesmos (FIGUEIREDO, 2019; LEÓN-MEJÍA; GUTIÉRREZ-ORTEGA; SERRANO-PINTADO; GONZÁLEZ-CABRERA, 2021).

Por outro lado, o uso em excesso desses equipamentos pode causar dependência devido às facilidades que o dispositivo promove (OLIVEIRA, 2018). Segundo Oliveira et al. (2017), apesar de facilitar a comunicação organizacional e entre profissionais, os excessos do uso podem conduzir ao desenvolvimento de um padrão *workaholic*, influenciando a forma como o indivíduo trabalha, relaciona-se e vive. De acordo com King et al. (2013; 2014), há evidências de que a sobrecarga de trabalho em indivíduos que utilizam o smartphone, como meio de comunicação com clientes e empresa, gera comportamentos mais compulsivos e competitivos no local de trabalho. Além disso, o uso exagerado do celular pode gerar transtornos sociais.

Segundo as autoras, o assunto é mais tratado nas áreas da Psicologia e Psiquiatria, e pode ser uma consequência das exigências de algumas organizações sobre a utilização dos aparelhos celulares como ferramenta de trabalho. E nesse contexto, Oliveira et al. (2021); Santos et al. (2021) e Fryman e Romine (2021), atribuíram que o sexo feminino tem maior propensão à

dependência tecnológica, ou seja, ser mulher é considerado um preditor positivo e significativo da dependência de smartphones.

A massificação e a utilização obsessiva de smartphones na sociedade, os impactos causados em cada indivíduo, bem como nas suas relações sociais e profissionais caracterizam a nomofobia (KING; VALENÇA; SILVA et al., 2014). O conceito de nomofobia utilizado nesta pesquisa foi definido por Yildirim e Correia (2015), como: o medo de não poder usar um smartphone e/ou os serviços que ele oferece. Refere-se ao medo de não conseguir se comunicar, perder a conectividade que os smartphones permitem, não conseguir acessar informações por meio desses equipamentos e abrir mão da comodidade que os smartphones proporcionam.

O termo nomofobia, em seu sentido etimológico, traz o entendimento do medo que um indivíduo tem de ficar sem seu celular, produzindo angústia quando este acredita que poderá ficar impossibilitado de se comunicar por seus meios virtuais (OLIVEIRA et al., 2017, LEE et al., 2018; OLIVENCIA-CARRIÓN et al., 2018). É resultado da sensação de alívio e conforto que o aparelho gera nas pessoas (FIGUEIREDO, 2019), mas que, ao mesmo tempo, produz um medo desproporcional, muitas vezes considerado irracional, que pode atrapalhar as atividades cotidianas e prejudicar sua qualidade de vida, sono (OZCAN; ACIMIS, 2021), causando alterações no comportamento dos indivíduos.

O uso excessivo dos aparelhos tecnológicos ativa o Sistema de Recompensa Cerebral (SRC), liberando dopamina e proporcionando de forma rápida sensações de satisfação e prazer. Assim como o uso de drogas, o uso em excesso da tecnologia pode provocar uma hiperatividade constante desse sistema de recompensa cerebral, podendo desenvolver transtornos psiquiátricos e sintomas de impulsividade (KING et al., 2013; 2014; KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

A nomofobia, portanto, ocorre quando a tecnologia escraviza e causa uma super dependência nos usuários (ARGUMOSA-VILLAR; BOADA-GRAU; VIGIL-COLET, 2017). Essa dependência patológica, de acordo com King, Valença, Silva et al. (2014), pode ser comparada ao comportamento de uma pessoa viciada em drogas, causando uma conduta compulsiva e perda de controle. A nomofobia influencia, portanto, nos aspectos clínicos, cognitivo-comportamentais e sociais, que culminam em: medo, ansiedade, pânico, impulso, fobia social, transtorno obsessivo-compulsivo, comportamento sexual disfuncional, entre outros, e tem impactos ambientais ocasionados pela quantidade elevada de equipamentos eletroeletrônicos descartados devido a sua substituição por outros mais modernos ou mais rápidos (KING et al., 2014; OLIVEIRA et al., 2017; OLIVEIRA, 2018; LEE et al., 2018), com reflexos, portanto, no ambiente organizacional.

NOMOFOBIA NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL

Os smartphones passaram a ter importância para as organizações não só para a comunicação entre os funcionários, mas também para a realização das atividades, pois essas se tornaram mais efetivas através dos aplicativos e das diversas funcionalidades que o dispositivo dispõe (OLIVEIRA, 2018). Por outro lado, apesar dos benefícios, o smartphone pode causar alguns prejuízos quando mal utilizados no ambiente de trabalho, pois afeta a concentração causando

diminuição de produtividade (KING; NARDI; CARDOSO, 2014; FREITAS, 2018), por exemplo.

O smartphone possui múltiplas funções, e uma de suas principais é a comunicação e aproximação das pessoas por meio da conexão por dados e por voz. Por conta dele, os hábitos das pessoas e os processos dentro das organizações foram modificados, tornando-se indispensável para as organizações e os profissionais, principalmente na e no pós pandemia de COVID-19 (CAPONNETTO et al., 2021).

Tams, Legoux e Léger (2018) simularam uma situação em que solicitavam que jovens profissionais “dependentes dos smartphones” se imaginassem em uma reunião comercial durante a qual não poderiam usar seus smartphones e distribuíram os participantes de forma arbitrária em quatro cenários com informações restritas que eram passadas aos sujeitos. Constatou-se que os participantes demonstraram incerteza e falta de controle. Além do mais, foi identificado que a “nomofobia” exerce uma influência indireta sobre o estresse, por meio da ameaça social. Os participantes tiveram maior predisposição a situações estressantes por conta da incapacidade de resposta imediata aos e-mails, tweets, postagens no facebook, demais mensagens e as interações sociais virtuais.

Essa realidade também foi constatada no processo de ensino aprendizagem, conforme a pesquisa de Lee et al. (2018), pois os participantes de um quiz que tiveram o pior desempenho em sala de aula foram os que se mantinham utilizando os smartphones. Resultados similares também foram encontrados por Rosales-Huamani et al. (2019), Aguilera-Manrique et al. (2019) e Hernández-Torrejón, Pastor-Molina e Sosa-Manchego (2020). De outro lado, conforme Moreno-Gerrero et al. (2020), profissionais da educação também apresentaram nervosismo, medo e ansiedade quando incapazes de se comunicar instantaneamente, chegando a sacrificar seu horário de descanso devido ao uso do smartphone.

Um estudo realizado no Reino Unido mostrou que 66% dos funcionários eram nomofóbicos por terem medo de perder ou ficar sem o seu smartphone e, alguns, tinham dois ou mais telefones para ficarem conectados o tempo todo, com medo de ficarem sem conexão e, conseqüentemente, tornarem-se incapazes de acessar informações e de se comunicar (SECURENVOY, 2012).

Segundo Cruz e Bragatto (2021), o mal-uso das tecnologias no ambiente organizacional desengaja o sujeito das ocupações que ele precisa fazer, o que pode ser conceituado como “desengajamento ocupacional” (CRUZ; BRAGATTO, 2021). De acordo com Frassini et al. (2021), esse desengajamento ocorre quando há a presença de distração associada ao uso excessivo de smartphones, pois esse uso deixa as pessoas mais vulneráveis e expostas ao risco de erro.

Alguns profissionais se tornam escravos do trabalho devido à necessidade de estarem sempre on-line, como se estivessem sempre de plantão, fazendo hora extra por meio do telefone. Isso acontece em diversos cargos onde a rotina de trabalho está associada ao uso contínuo do celular, como por exemplo: empresários, executivos, vendedores, profissionais do marketing, professores, médicos, psicólogos (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Levando esse contexto em conta, Yildirim e Correia (2015) desenvolveram o *Nomophobia Questionnaire (NMP-Q)*, a partir do *Test of Mobile Phone Dependence (TMD)*, desenvolvido por Chóliz (2012). No *NMP-Q* a nomofobia foi avaliada por meio de quatro dimensões: (i) incapacidade de comunicação, que se refere aos sentimentos de perder a comunicação instantânea com as pessoas e não poder usar os serviços que permitem a comunicação instantânea. Os itens desta dimensão estão relacionados aos sentimentos de não poder contatar as pessoas e ser contatado; (ii) perda de conexão, se trata da sensação de perder a conectividade ubíqua (tipo de conexão em todos os lugares de forma tão transparente para o ser humano que acabamos por não perceber que eles estão lá que os smartphones proporcionam e de se desconectar da identidade on-line, principalmente nas mídias sociais; (iii) incapacidade de acessar informações, refletem o desconforto de perder o acesso generalizado à informação por meio de smartphones, não conseguir recuperar informações por meio de smartphones e buscar informações em smartphones; e (iv) renúncia da conveniência, que são os sentimentos de abrir mão da conveniência que os smartphones proporcionam.

O estudo de Yildirim e Correia (2015) foi desenvolvido nos EUA com estudantes e procurou contribuir para a literatura de pesquisa sobre nomofobia identificando e descrevendo as dimensões e desenvolvendo um questionário para medir a nomofobia. O estudo foi feito em duas fases: uma qualitativa exploratória com abordagem fenomenológica, que utilizou entrevistas semiestruturadas para obter uma compreensão profunda das dimensões da nomofobia, a partir das experiências vividas pelos entrevistados; e uma quantitativa. Esta última confirmou estatisticamente ($\alpha=0.945$) as quatro dimensões levantadas na primeira, e o instrumento desenvolvido pelos autores pode ser utilizado para avaliar a gravidade da nomofobia, com possibilidade de adaptação em outros *lócus*, conforme os próprios autores.

O AMBIENTE ORGANIZACIONAL DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

O atual ambiente organizacional da administração pública é de inovação. A inovação na administração pública foi conceituada como mudanças na estrutura e processos de uma organização devido à implementação de novos conceitos gerenciais e práticas de trabalho (OCDE, 2005).

Para Sørensen e Torfing (2011), são três as pressões à administração pública por inovação, sendo: a) dos cidadãos e das empresas privadas sobre a crescente expectativa de qualidade, disponibilidade e eficácia dos serviços públicos, de modo que os governos sejam responsivos; b) a demanda por mão de obra para a indústria e de regulamentações flexíveis para esse setor; e, c) o equilíbrio das contas públicas, entre receitas e despesas, para se evitar períodos de recessão econômica e de crises globais de crédito, colocando, com isso, tensões severas nas finanças públicas.

Essas motivações encontram razão no paradigma da Gestão em Rede (GR), cujo objetivo é melhorar tanto a transformação social, quanto a eficiência e qualidade dos serviços de linha de frente (HARTLEY, 2005). A GR tem seu foco além da eficiência, pois a) envolve os propósitos da inovação – a qualidade, o dinamismo, e a interconectividade dos serviços por meios de TIC's (FISHENDEN; THOMPSON, 2013; PANG; LEE; DELONE, 2014). A GR fomentou a noção de governo eletrônico (e-gov), por exemplo, em plataformas web digitais globais, em

computação em nuvem, em desenvolvimento de aplicativos e outras ferramentas recentes (BENINGTON; HARTLEY, 2001; HARTLEY, 2005; SØRENSEN; TORFING, 2011; FISHENDEN; THOMPSON, 2013).

O e-gov, nesse contexto, se refere à entrega de informações [governamentais] e serviços on-line via Internet ou outros meios, melhorando a interface entre o Estado e os cidadãos, empresas e outros governos. Portanto, a internet provou ser uma importante fonte de inovação institucional que facilita a mudança organizacional através da descentralização e da criação de novas normas e serviços (TOLBERT; MOSSBERGE; MCNEAL, 2008).

Segundo Fishenden e Thompson (2013) e Pang, Lee e DeLone (2014), o uso das TICs em organizações públicas pode permitir que os gestores públicos promovam a criação de valor a partir de cinco capacidades, sendo: capacidade de entrega do serviço público, capacidade de engajamento público, capacidade de coprodução, criação de capacidade em recursos e inovação do setor público. Pois nesse contexto as TICs podem facilitar a digitalização de processos administrativos, a utilização da capacidade de análise por meio da inteligência pública, promover a integração dos sistemas interorganizacionais, promover interfaces interativas on-line, e a divulgação de informações públicas que podem ser úteis para o mercado e para a sociedade.

Esse é o contexto da atividade de compras públicas. Segundo Paim Terra (2018) as compras fazem parte de uma das atividades mais sensíveis e importantes da logística pública, pois mobilizam toda a instituição (pessoas, processos, infraestrutura e tecnologias), o conhecimento e o ciclo socioeconômico, dado o poder de compra do Estado.

Para Fernandes (2016), várias tendências mediam os processos das compras públicas: marco legal e regulatório, a reestruturação dos formatos de compra e contratação, terceirização, metodologias, ferramentas de gestão das compras, uso do poder de compra, ciclo do suprimento, centralização das compras, institucionalização da área e sistemas informatizados e portais na internet, sendo as últimas tendências as mais emergentes no contexto das compras pública. Conforme Brasil (2021), consta no bojo da nova lei de licitações e contratações a preferência por processos eletrônicos, digitalizados, com assinaturas eletrônicas e interação e controle social e governamental.

Ainda segundo Fernandes (2016) há uma tendência que os sistemas informatizados e portais na internet abranjam todo o fluxo de compras públicas, o que promoverá o redesenho das normas, processos e estruturas organizacionais públicas. O uso das TICs nas compras públicas também terá uso para a qualificação do pessoal e a implantação dos sistemas informatizados. A preferência pelas licitações realizadas de forma eletrônica e a criação do Portal Nacional de Contratações Públicas pela nova lei de licitações e contratos, cujo objetivo é a divulgação dos atos e a realização facultativa das contratações pelos órgãos ou entidades de todos os entes federativos, refletem essa tendência (BRASIL, 2021).

Estes - os sistemas informatizados -, cada vez mais terão capacidade de facilitar as participações dos fornecedores de qualquer parte do mundo, publicarão anúncios, promoverão cadastros on-line, permitirão a participação direta nos pregões eletrônicos tanto dos proponentes, fornecedores, quanto os órgãos públicos de controle, permitirão conversas on-line, recursos, a tramitação

de documentos digitais e digitalizados, a negociação direta de preços, a padronização dos materiais e serviços, a transparência e controle das diversas modalidades das compras públicas e a construção de *dashboards* gerenciais (indicadores). A exemplo de algumas funções já ativas no “Comprasnet” ([//www.gov.br/compras/pt-br](http://www.gov.br/compras/pt-br)), que inclusive possui um aplicativo, “Compras.gov.br”, que permite aos licitantes a consulta das informações de compras públicas por meio dos smartphones (PORTAL DE COMPRAS DO GOVERNO FEDERAL, 2022), e nos portais de governos estaduais, como os de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará e do Paraná.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracterizou, quanto a sua tipologia, como descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2013), pois se ateve ao registro e descrição dos fatos observados acerca dos servidores públicos sobre a existência da “nomofobia” e o impacto desta nas atividades laborais. Por sua vez, o meio norteador da pesquisa foi a pesquisa de campo. Partindo desta orientação, buscou-se analisar a percepção dos respondentes da pesquisa (GIL, 2008).

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, visando captar o máximo da subjetividade dos sujeitos da pesquisa. Assim, o estudo buscou a interpretação dos dados e a atribuição de significados, não requerendo o uso de métodos e técnicas estatísticas (SILVA; MENEZES, 2005).

O *lócus* da pesquisa foi o Departamento de Compras Públicas e Licitações de um município do Nordeste do Brasil. A coleta dos dados foi viabilizada por meio de entrevistas semiestruturadas com todos os servidores do departamento – seis sujeitos. Para manter o anonimato dos entrevistados eles foram tratados pelo código e número que correspondem à sequência em que foram entrevistados. O perfil de cada respondente pode ser observado no Quadro 1, em seguida.

Quadro 1 - Caracterização dos respondentes da pesquisa realizada no final de setembro de 2021.

CÓDIGO	SEXO	IDADE (ANOS)	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	CARGO	TEMPO DE TRABALHO
E1	F	22	Solteira	Ensino Superior Incompleto	Auxiliar Administrativo	09 meses
E2	F	28	União Estável	Ensino Médio Completo	Chefe do Departamento de Arquivo	02 anos
E3	M	32	União Estável	Ensino Superior Incompleto	Membro da Comissão Permanente de Licitação	05 anos
E4	M	17	Solteiro	Ensino Médio Incompleto	Auxiliar Administrativo	07 meses
E5	M	36	Casado	Pós-graduação	Pregoeiro	16 anos
E6	F	27	Solteira	Pós-graduação	Membro da Comissão Permanente de Licitação	05 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Inicialmente, os entrevistados foram contatados pelos pesquisadores acerca da disponibilidade em participar do estudo. Mediante o aceite e o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as entrevistas ocorreram de forma presencial nos dias 14 a 23 de setembro de 2021, no próprio setor de trabalho dos sujeitos da pesquisa. O instrumento de pesquisa foi baseado no quadro de referência proposto por Yildirim e Correia (2015), sendo composto por oito perguntas abertas que foram complementadas pelo levantamento de dados sócio-demográficos.

As questões do formulário de pesquisa foram agrupadas em quatro pontos de análise: incapacidade de acessar informações, renúncia da conveniência, incapacidade de comunicação e perda de conexão. Segundo Yildirim e Correia (2015), essas dimensões são interligadas e isso se explica por que os fatores de dependência apresentados em cada dimensão são muito parecidos, fazendo com que o indivíduo dependente do smartphone no trabalho tenha reações negativas de acordo com a incapacidade a cada dimensão.

O tratamento dos dados se deu por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). A fase de inferência e interpretação da análise de conteúdo consistiu no estabelecimento de um quadro que viabilizou o tratamento dos resultados por condensação, por intuição, por análise reflexiva e crítica, com vistas aos objetivos estabelecidos na pesquisa e cuja presença ou frequência de aparição foi significativa para o objetivo da pesquisa (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A validade e a confiabilidade da pesquisa foram realizadas por meio da avaliação por pares, e pela conferência dos pesquisadores para a determinação e a precisão dos resultados (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011; MERRIAM, 1998).

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

DIMENSÃO INCAPACIDADE DE ACESSAR INFORMAÇÕES

Referente a dimensão “incapacidade de acessar informações”, inicialmente, foi perguntado aos entrevistados como eles se comportariam caso não tivessem acesso constante ao seu celular no ambiente de trabalho. Para E1, E4 e E6:

Sentiria desconforto sem ter acesso contínuo ao smartphone (E1).

Ficaria sem ação com a falta de comunicação e notícias do dia a dia. No mundo em que vivemos hoje o smartphone é peça chave (E4).

Seria difícil manter-me atualizada. Porém, sem preocupações maiores caso ocorra (E6).

Pode-se notar níveis diferentes de preocupação ao não poder utilizar o smartphone entre os entrevistados, que podem variar da pouca preocupação (E6) à desorganização comportamental (E4). Este último relato, em especial, chama a atenção pelo fato que “ficar sem ação com a falta de comunicação e notícias” foi a fala de um homem; contrariando algumas pesquisas que colocam o sexo feminino com maior propensão a adquirir o problemas de dependência tecnológica (OLIVEIRA et al., 2021; SANTOS et al., 2021; FRYMAN; ROMINE, 2021).

Os relatos de E1 e E6 caracterizam sentimentos de não poder contatar as pessoas e ser contactado (YILDIRIM; CORREIA, 2015), sendo indícios de nomofobia no ambiente de compras públicas. Indivíduos nesta condição requerem atenção organizacional constante, pois as consequências do seu comportamento nomofóbico podem impactar seu desempenho laboral. Por exemplo, estratégias restritivas de acesso ao celular no ambiente de trabalho poderiam gerar estresse e perda de produtividade (SAMAH; HAWI, 2016), corroborando os resultados encontrados por King, Nardi e Cardoso (2014) e Freitas (2018). Resultado similar também foi encontrado por Moreno-Guerrero, et al. (2020), em estudo com profissionais da educação no Reino Unido.

Uma alternativa, portanto, seria a gestão optar por medidas que garantissem maior equilíbrio de uso dos equipamentos telefônicos e menores níveis de incerteza sobre o tempo que seus funcionários poderiam ficar sem seus celulares no ambiente de trabalho, sendo esta uma sugestão levantada por Tams, Legoux e Léger (2018).

Em seguida, foi perguntado aos entrevistados como eles ficariam caso não conseguissem receber notícias no seu smartphone ou se não pudessem usar suas funcionalidades quando sentissem desejo.

Bastante chateada, por não poder usar as funções do meu smartphone (E1).

Ficaria desinformada de tudo que está acontecendo no Brasil e no mundo em tempo real. Sem contato com familiares e amigos (E2).

As notícias são coisas que me fariam falta, pois uso com frequência essas funcionalidades. Me deixaria desinformado (E4).

Dependendo do momento que precisasse da informação ou acesso, poderia gerar um momento de raiva (E6).

As falas de E1, E2, E4 e E6 reforçam o que foi trazido por Figueiredo (2019), quando afirmou que o smartphone traz sensação de alívio e conforto nas pessoas, tornando-o essencial para manter contato uns com os outros, fazendo com que o mesmo seja utilizado de forma compulsiva, disfuncional, causando dependência comportamental. Na ausência do aparelho, sentimentos de chateação e raiva podem ser comuns para indivíduos propensos a transtornos nomofóbicos, corroborando com os achados de Tams, Legoux e Léger (2018).

Já E3 e E5 falaram que não seriam afetados e que não haveria problemas caso não conseguissem receber notícias no smartphone. E3 e E5 estão entre os profissionais entrevistados com a maior idade, 32 e 36 anos, respectivamente, bem como, estão entre os servidores com o maior tempo de serviço no lócus investigado, o que levanta a necessidade de novos estudos que associem variáveis de perfil sócio-demográfico com a nomofobia, pois esses sujeitos contrariam os resultados dos estudos de Tams, Legoux e Léger (2018) e Rodrigues-Garcia, Moreno-Guerrero e Lopez-Belmonte (2020), assim como as tendências da administração de compras públicas por meio de sistemas informatizados, portais na internet, aplicativos referenciadas por Fernandes (2019) e Brasil (2021).

Em relação a dimensão renúncia da conveniência, quando questionados sobre como se sentiriam caso ficassem sem créditos ou atingissem o limite de dados mensais, os sentimentos manifestos foram de tédio e raiva. Já alguns

afirmaram que o acesso a rede wi-fi minimizaria essa preocupação quando o acesso está disponível em casa e no trabalho.

DIMENSÃO RENÚNCIA DA CONVENIÊNCIA

Em relação a dimensão “renúncia da conveniência”, que se trata da sensação de perda da conexão com o ambiente e com as pessoas, de se desconectar da identidade on-line, principalmente nas mídias sociais (YILDIRIM; CORREIA, 2015), quando os respondentes foram questionados sobre como se sentiriam caso ficassem sem créditos ou atingissem o limite de dados mensais, os sentimentos manifestos foram de tédio e raiva (E1, E2, E3, E4 e E5), e todos afirmaram que o acesso a rede wi-fi minimizaria essa preocupação quanto a estar on-line, seja em casa ou no trabalho, portanto, os entrevistados sinalizaram não renunciar estar on-line.

Sobre o que os entrevistados fazem logo que o smartphone volta a funcionar, pós uma interrupção, os entrevistados, de forma unanime, responderam que olhariam seus aplicativos pessoais de mensagens, para, depois olhar suas comunicações institucionais relacionadas às atividades de compras públicas. Esse resultado demonstrou que a prioridade para o uso do smartphone foi para comunicação pessoal, ou seja, os entrevistados resignam da comunicação organizacional em detrimento da pessoal, semelhante aos resultados encontrados por Argumosa-Villar; Boada-Grau e Vigil-Colet (2017); Kim (2018) e Rodriguez-Garcia, Moreno-Guerrero e Lopez Belmonte (2020).

O resultado acima pode ser uma explicação para o foco dos estudos acadêmicos (ALVES; ANTONIO; LAUX, 2021) sobre nomofobia serem nas pessoas em detrimento das organizações; ao mesmo tempo acende a importância dos estudos organizacionais dado o contexto de inovação na administração requerer os profissionais conectados as TICs (FISHENDEN; THOMPSON, 2013; PANG; LEE; DELONE, 2014; FERNANDES, 2016).

DIMENSÃO INCAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO

Os entrevistados foram perguntados sobre como se sentiriam caso não conseguissem se comunicar instantaneamente com sua família e/ou amigos através do smartphone. E2, E3, E4 e E6 responderam que ficariam “preocupada”, “chateado”, “triste” e “irritada”, respectivamente.

Ficaria preocupada, sem saber como estariam, se estavam precisando de algo ou se alguém estaria doente (E2).

Um pouco chateado, pois uso meu smartphone mais para essas necessidades (E3).

Muito triste de certa forma, pois com o avanço da tecnologia e as novidades que vêm aparecendo, a comunicação tornou-se algo fácil e frequente, encurtando a distância. Então sem isso seria muito ruim (E4).

Irritada. Dependendo da urgência para o contato (E6).

E1 e E5 responderam que agiriam naturalmente caso não conseguissem se comunicar instantaneamente com sua família e/ou amigos através do smartphone; apesar de não quererem renunciar sua experiência on-line

(Dimensão Renúncia da Conveniência) e, no caso de E1, se sentir chateada quando não consegue acessar informações (Dimensão Incapacidade de Acessar Informações).

Quando perguntados sobre como ficariam caso não fossem capazes de receber mensagens de texto e chamadas através do smartphone, E6 respondeu que se for por pouco tempo, aceitaria, mas se for por muito tempo, geraria um certo incômodo. E1, E2 e E4 falaram que ficariam “chateada”, “preocupado” e “desconfortável”, respectivamente.

Ficaria preocupada com as pessoas que amo, família e amigos (E2).

Ficaria desconfortável, pois a comunicação seria bem menos provável, seja com amigos, família ou etc. (E4).

E3 respondeu que não ligaria muito caso não fosse capaz de receber mensagens de texto e chamadas através do smartphone, pois não é muito ligado nos meios de comunicações por meio das tecnologias, e E5 falou que se sentiria aliviada, pois está enfadada da exposição on-line. No caso de E5, resultado similar foi encontrado na seção Dimensão Incapacidade de Acessar Informações.

A partir do que foi exposto, e de acordo com as falas da maioria dos entrevistados, pôde-se notar que a necessidade de conexão imediata faz com que alguns indivíduos busquem sempre estar disponíveis, aumentando o nível de dependência do smartphone, corroborando com os achados do estudo de Kim (2018).

DIMENSÃO PERDA DE CONEXÃO

Logo em seguida, foi perguntado aos entrevistados como eles ficariam caso não pudessem “ficar em dia” com o que ocorre nas redes sociais e em outros meios de comunicação on-line. E1, E4 e E6 falaram que se sentiriam mal, pois ficariam desatualizados.

Ficaria muito mal. É uma coisa que adoro fazer durante o dia a dia (E1).

Não ficaria por dentro da maioria das notícias do mundo inteiro. Seria ruim para mim, pois sou uma pessoa que gosto muito de acompanhar as coisas (E4).

As falas dos três retratam a dependência que os mesmos têm pelas redes sociais. De acordo com Cruz e Bragatto (2021) a internet compreende um mundo real, pois ela envolve a interação dos seres humanos com o aparelho tecnológico. Muitos estão conectados em plataformas virtuais, mas ao mesmo tempo desconectados do que acontece no seu entorno.

E2 respondeu que não se incomodaria caso não pudesse “ficar em dia” do que ocorre nas redes sociais e em outros meios de comunicação on-line, pois iria buscar informações em revistas e jornais, como antigamente, mesmo que não soubesse dos acontecimentos em tempo real. E3 falou que não ligaria muito, já que a única rede social que ele possui é o whatsapp e não é muito ligado. E5, respondeu que agiria naturalmente.

Para finalizar a entrevista perguntou-se aos entrevistados como eles se sentiriam caso não pudessem checar suas notificações de atualizações de

mensagens ou caso não pudessem checar suas mensagens de e-mail. Apenas E5 respondeu que não teria problemas, pois segundo ele é uma pessoa pouco comunicativa. O restante dos entrevistados respondeu que seria ruim, pois ficariam irritados e preocupados. De acordo com a fala de um dos entrevistados, chegaria a ser trágico.

Ficaria irritada, pois é através de mensagens e e-mail que trabalho e estudo (E1).

Um pouco preocupada, sem saber o que estaria acontecendo (E2).

Um pouco preocupado, desde que tenha alguma notificação de urgência para receber ou enviar (E3).

Seria trágico, pois todas essas notificações envolvem trabalho, estudos, coisas pessoais e a comunicação de modo geral (E4).

Seria ruim, pois eu iria perder prazos e avisos que são enviados no mesmo (E6).

De acordo com o que foi observado em relação a essa pergunta, quase todos os entrevistados revelaram que não se sentiriam bem caso não pudessem checar suas notificações de atualizações de mensagens ou e-mail. De acordo com Pinheiro (2020), as pessoas estão conectadas à rede por prazer social ou necessidade laboral, se vendo cada vez mais dependentes do smartphone, por conta de sua acessibilidade, agilidade e velocidade na realização das atividades.

A partir do que foi levantado nas entrevistas, pode-se notar que em todas as questões, ao menos a metade dos entrevistados mostraram-se dependentes do smartphone. Sendo que na maioria das questões que foram feitas, mais da metade dos entrevistados demonstraram essa dependência, confessando que não se sentiriam nada bem caso não pudessem ter acesso ao smartphone, bem como às suas funcionalidades, gerando até mudanças de comportamento.

O resultado obtido é algo que merece atenção dentro da organização pública estudada, tendo em vista que a dependência do smartphone pode atrapalhar o desenvolvimento das atividades laborais do departamento de licitação do órgão público em análise, e conseqüentemente prejudicar a sociedade dependente de atividades básicas geridas pelo Estado, como educação, saúde, segurança, limpeza pública entre outras que dependem das compras públicas.

A partir das dimensões investigadas, levantadas por meio do *Nanophobia Questionnaire (NMP-Q)* (YILDIRIM; CORREIA, 2015), foi possível identificar indícios e consequentes da nomofobia no ambiente organizacional (Quadro 2).

Quadro 2 - Condensação e análise dos sintomas, consequentes e práticas para lidar com a nomofobia.

DIMENSÕES (YILDIRIM; CORREIA, 2015)	INDÍCIOS DE NOMOFOBIA	CONSEQUENTES	BOAS PRÁTICAS
Incapacidade de acessar informações	Desconforto, ficar sem ação, dificuldade de ficar atualizado, chateamento, desinformação, raiva	Desatualização laboral	<i>Mindfulness</i> , atenção plena, atendimento psicológico e psiquiátrico, normas
Renúncia da Convivência	Tédio, sentimento de raiva, frustração	Alteração emocional	

DIMENSÕES (YILDIRIM; CORREIRA, 2015)	INDÍCIOS DE NOMOFOBIA	CONSEQUENTES	BOAS PRÁTICAS
Incapacidade de Comunicação	Preocupação, chateamento, irritação, desconforto	tristeza, incômodo,	Mudança de comportamento e dependência do <i>smartphone</i>
Perda de Conexão	Frustração, preocupação, catastrofização	irritação,	Mudança de comportamento e dependência do <i>smartphone</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Aos indícios e consequentes identificados (Quadro 2) foram atribuídas práticas de gestão de pessoas/psicologia organizacional encontradas no âmbito do *corpus* pesquisado e que podem ser empreendidas no âmbito da gestão pública municipal investigada, com o objetivo de sensibilizar os servidores sobre os indícios da nomofobia e a prevenção de seus consequentes, bem como encaminhar cuidados comportamentais.

Entre as alternativas para combater a nomofobia, destaca-se o *mindfulness*, prática que consiste em exercícios cognitivos que objetivam possibilitar aos indivíduos maior controle sobre o seu fluxo de pensamentos, e assim alcançar a atenção plena (REGAN et al., 2020; DINESH et al., 2022). As diversas técnicas e exercícios de *mindfulness* visam desconectar os indivíduos de pensamentos vinculados ao passado e/ou ao futuro, e o ajudar a se concentrar no presente, reduzindo assim diversos problemas relacionados com a ansiedade.

De acordo com os resultados do estudo de Hoge et al. (2013), que envolve 93 indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada em Massachusetts (EUA), a implementação de exercícios de *mindfulness* é capaz de reduzir significativamente os índices de ansiedade dos praticantes.

Tendo em vista alguns indícios e consequentes da nomofobia, tais como: maior impulsividade (KING et al., 2013; 2014; KING; NARDI; CARDOSO, 2014); comportamentos compulsivos e competitivos no local de trabalho (KING et al., 2013; 2014); medo, ansiedade, pânico e fobia social (KING; VALENÇA; SILVA et al., 2014); “desengajamento organizacional” (CRUZ; BRAGATTO, 2021), a implementação da prática do *mindfulness*, junto aos servidores afetados pela nomofobia, pode ser uma alternativa eficaz para enfrentar o problema, pois a capacidade de focar no momento presente, e se desligar de preocupações externas, é fundamental para superar o medo de ficar sem conexão (HOGE et al., 2013; DINESH et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Nomofobia ainda é um tema em maturação na literatura das Ciências Sociais Aplicadas e que tem importância para o entendimento do comportamento das pessoas no ambiente de trabalho. A relevância acadêmica da pesquisa, portanto, está na sua abordagem na administração pública com enfoque no comportamento organizacional, cujos resultados revelaram haver comportamento nomofóbico no *lócus* investigado, devido aos sentimentos de

desconforto, tristeza, tédio, raiva, por exemplo, com o medo de ficar sem contato com o telefone móvel.

A partir das quatro dimensões do modelo de Yildirim e Correia (2015), utilizado como referencial de análise da pesquisa foi possível construir um quadro com os indícios de nomofobia no ambiente da administração pública de compras/licitação e seus consequentes.

As contribuições gerenciais da pesquisa incluem a proposta de implementação de estratégias de apoio psicológico e organizacional que podem ser alternativas para a promoção do equilíbrio tecnológico, social e laboral dos servidores afetados pela nomofobia. Os gestores, portanto, têm o desafio de identificar qual a “dosagem” equilibrada entre a conexão com o mundo exterior, por meio dos canais virtuais, de forma a promover um ambiente de trabalho produtivo em compras públicas que atenda a função social das instituições, e o equilíbrio comportamental das pessoas.

As limitações da pesquisa residem em três aspectos: quantidade de sujeitos (seis), que levou ao encerramento da pesquisa sem observação ao princípio da saturação (MERRIAM, 1998); na indisponibilidade dos pesquisados para a ampliação da pesquisa em outros *lôcus* da administração pública, com vista a consolidar os achados de nomofobia nesse setor, seus consequentes e as suas boas práticas; e na dificuldade de acesso a documentos institucionais, do *lôcus* investigado, para realizar a sua caracterização.

Trabalhos futuros poderão ampliar a investigação sobre o tema analisando quais fenômenos podem predizer, impactar ou reduzir os danos que a nomofobia pode gerar no ambiente de trabalho, no mercado e na sociedade. Estudos futuros também poderão examinar os benefícios/impactos das intervenções dos programas de gestão de pessoas na promoção da autorregulação emocional e cognitiva, com foco nos servidores públicos que utilizam os smartphones de maneira disfuncional no trabalho. Trabalhos futuros também poderão empreender pesquisas aplicadas utilizando intervenções educativas para o uso responsável e crítico das mídias e tecnologias.

Novas pesquisas poderão analisar a influência dos fatores sócio-demográficos nas dimensões da nomofobia no trabalho. Recomenda-se ainda que, pesquisas futuras sejam ampliadas para os gestores das organizações investigadas para que também seja considerada a percepção dos gestores (enquanto requerentes de produtividade).

Por fim, recomendam-se estudos para qualificar o nível de nomofobia entre os servidores, a exemplo do instrumento validado por Balhan et al. (2018), possibilitando abordagens de gestão de pessoas mais adequadas para cada situação, ou mesmo instrumentos como o publicado por Adawi et al. (2019), que é capaz de distinguir entre um não-nomofóbico e o seu oposto. Bem como, estudos de tecnologias contra-intuitivas, a exemplo de plataformas de telepsiquiatria (ABOUJAOUDE, 2019).

Nomophobia in the organizational environment of public purchases

ABSTRACT

The objective of this article was to analyze the perception of servers about nomophobia in the public procurement work environment. Descriptive research with a qualitative approach was used, and data collection was carried out through semi-structured interviews. The research investigation method was carried out through a case study, with the data submitted to Content Analysis. The analysis framework contained four dimensions: inability to communicate, inability to access information, waiver of convenience, and loss of connection. The research results revealed that there is nomophobic behavior in the investigated locus. From the investigated dimensions, it was possible to construct a board with the indications of nomophobia in the environment of the public administration of purchases in the studied organization, its consequences and the organizational support strategies that can be undertaken for the promotion of the technological and social balance of the servers.

KEYWORDS: Nomophobia. Public administration. Public purchases.

REFERÊNCIAS

ABOUJAOUDE, E. Problematic Internet use two decades later: Apps to wean us off apps. **CNS Spectrums**, v. 24, n. 4, p. 371-373, 2019.

ADAWI, M. et al. et al. Psychometric properties of the brief symptom inventory in nomophobic subjects: insights from preliminary confirmatory factor, exploratory factor, and clustering analyses in a sample of healthy Italian volunteers. **Psychology Research and Behavior Management**, 2019.

AGUILERA-MANRIQUE, G. et al. The relationship between nomophobia and the distraction associated with smartphone use among nursing students in their clinical practicum. **PloS one**, v. 13, n. 8, p. e0202953, 2018.

AL-BALHAM, E.M. et al. Psychometric evaluation of the Arabic version of the nomophobia questionnaire: confirmatory and exploratory factor analysis implications from a pilot study in Kuwait among University students. **Psychology Research and Behavior Management**, v.11, p. 471–482, 2018.

ALVES, L. B.; ANTONIO, D. S.; LAUX, R. C. Nomofobia: uma análise bibliométrica. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 17, n. 46, p. 246-263, 2021.

ARGUMOSA-VILLAR, L.; BOADA-GRAU, J.; VIGIL-COLET, A. Exploratory investigation of theoretical predictors of nomophobia using the Mobile Phone Involvement Questionnaire (MPIQ). **Journal of Adolescence**, v. 56, p. 127-135, 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo. Edição 70. 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENINGTON, J.; HARTLEY, J. 'Pilots, Paradigms and Paradoxes: Changes in Public Sector Governance and Management in the UK'. In: **Annals...** Conference paper for International Research Symposium on Public Management. Barcelona: Spain, 2001.

BETONCU, O.; OZDAMLI, F. The disease of 21st century: Digital disease. **TEM Journal**, v. 8, n. 2, p. 598, 2019.

BRASIL. **Lei de Licitações e Contratos Administrativos**. LEI Nº 14.133, DE 1º DE ABRIL DE 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14133.htm>. Acesso em 04/04/2022.

CAPONNETTO, P. et al. Smartphone addiction across the lifetime during Italian lockdown for COVID-19. **Journal of Addictive Diseases**, v. 39, n. 4, p. 441-449, 2021.

CAPPELLOZZA, A.; MORAES, G.H.S.M.; MUNIZ, L.M. Uso Pessoal das Tecnologias no Trabalho: Motivadores e Efeitos à Distração Profissional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 5, p. 605-626, 2017.

CRUZ, D. M. C. da; BRAGATTO, R. L. Nomofobia: o telefone celular, o uso do tempo e o desengajamento ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 5, n. 2, p. 143-152, 2021.

DINESH, T. K. et al. Effectiveness of mindfulness-based interventions on well-being and work-related stress in the financial sector: A systematic review and meta-analysis protocol. **Systematic Reviews**, v. 11, p. 1-8, 2022.

FERNANDES, C. C. C. Compras Públicas no Brasil: Tendências de inovação, avanços e dificuldades no período recente. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 11, n. 4, 2019.

FIGUEIREDO, J. J. F. **Nomofobia** – um fator de risco psicossocial emergente. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Segurança e Higiene do Trabalho), Instituto Politécnico de Beja, Beja, 2019.

FISHENDEN, J.; THOMPSON, M. Digital government, open architecture, and innovation: why public sector IT will never be the same again. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 23, n. 4, p. 977-1004, 2013.

FREITAS, R. A. das C. de. A tecnologia nos negócios: análise da influência do celular na produtividade organizacional. **Research, Society and Development**, v.7, n. 10, p. 01-20, 2018.

FRYMAN, S.; ROMINE, W. Measuring smartphone dependency and exploration of consequences and comorbidities. **Computers in Human Behavior Reports**, v. 4, p. 100108, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Sexta Edição. Editora Atlas. 2008.

HARTLEY, J. Innovation in governance and public services: Past and present. **Public money and management**, v. 25, n. 1, p. 27-34, 2005.

HERNÁNDEZ-TORREJÓN, M. V.; PASTOR-MOLINA, L.; SOSA-MANCHEGO, L. Nomophobia in University Students. **International Journal of Early Childhood Special Education**, v. 12, n. 1, 2020.

HOGUE, E. A. et al. Randomized controlled trial of mindfulness meditation for generalized anxiety disorder: effects on anxiety and stress reactivity. **The Journal of Clinical Psychiatry**, v. 74, n. 8, p. 786–792, 2013.

KIM, J. H. Psychological issues and problematic use of smartphone: ADHD's moderating role in the associations among loneliness, need for social assurance, need for immediate connection, and problematic use of smartphone. **Computers in Human Behavior**. v.80 p. 390-398, 2018.

KING, A. L. S. et al. Nomophobia: Dependency on virtual environments or social phobia? **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 1, p. 140–144, 2013.

KING, A. L. et al. "Nomophobia": Impact of cell phone use interfering with symptoms and emotions of individuals with panic disorder compared with a control group. **Clinical practice and epidemiology in mental health: CP & EMH**, v. 10, p. 28, 2014.

KING, A.L.S; NARDI, A.E; CARDOSO, A. **Nomofobia**: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? São Paulo: Atheneu, 2014.

KUSCU, T. D.; GUMUSTAS, F.; RODOPMAN, A. A.; GOKSU, M. The relationship between nomophobia and psychiatric symptoms in adolescents. **International Journal of Psychiatry in Clinical Practice**, v. 25, n. 1, p. 56-61, 2021.

LEE, S; KIM, M.; MENDOZA, J. S.; McDONOUGH. Addicted to cellphones: Exploring the psychometric properties between the nomophobia questionnaire and obsessiveness in college students. **Heliyon**, v. 4, n. 11, p. e00895, 2018.

LEÓN-MEJÍA, A. C. et al. A systematic review on nomophobia prevalence: Surfacing results and standard guidelines for future research. **PLoS one**, v. 16, n. 5, p. e0250509, 2021.

MAZIERO, M.B.; OLIVEIRA, L.A. Nomofobia: uma revisão bibliográfica. **Unoesc & Ciência – ACBS**, v. 8, n. 1, p. 73-80, jul./dez. 2017.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. Revised and Expanded from "Case Study Research in Education". Jossey-Bass Publishers, 350 Sansome St, San Francisco, CA 94104, 1998.

MODESTO, J. G.; FONSECA, G. A.; DE SOUSA, G. P. O USO DA TECNOLOGIA E NOMOFOBIA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, p. 6-20, 2022.

MORENO-GUERRERO, A.-J. et al. Nomophobia: impact of cell phone use and time to rest among teacher students. **Heliyon**, v. 6, n. 5, p. e04084, 2020.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

OCDE. **Manual de Oslo**: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica. FINEP, 2005.

OLIVEIRA, T. **Dependência do smartphone**: um estudo da nomofobia na formação de futuros gestores. 2018. Dissertação (Mestrado profissional em administração), Universidade Potiguar, Natal, 2018.

OLIVEIRA, T. S et al. Cadê meu celular? Uma análise da nomofobia no ambiente organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 57, n. 6, p. 634-635, 2017.

OLIVEIRA, T. S. et al. “Tenho celular, logo existo”: um estudo da nomofobia na formação de futuros gestores. **Revista de Administração UNIMEP**, v.18, n.1, janeiro – abril, 2020.

OLIVENCIA-CARRIÓN, M. A. et al. Temperament and characteristics related to nomophobia. **Psychiatry Research**, v. 266, p. 5-10, 2018.

OZCAN, B.; ACIMIS, N. M. Sleep Quality in Pamukkale University Students and its relationship with smartphone addiction. **Pakistan Journal of Medicine Science**, v.37, n.1, p. 206-211.

PAIM TERRA, A. C. **Compras públicas inteligentes: uma proposta para a melhoria da gestão das compras governamentais**. Brasília: ENAP, 2018.

PANG, M.-S.; LEE, G.; DELONE, W. H. IT resources, organizational capabilities, and value creation in public-sector organizations: a public-value management perspective. **Journal of Information Technology**, v. 29, n. 3, p. 187-205, 2014.

PEREIRA, G. H. DE J.; OLIVEIRA, M. A. P. de; ALVES, R. M. de S. Os impactos da nomofobia na saúde mental dos brasileiros no período de isolamento social: uma revisão integrativa. **Anais... 19º Jornada Científica do Hospital Universitário de Brasília, Brasília (DF) HUB**, 2020.

PINHEIRO, T. S. O.; BARBOSA, E. A. L.; PINHEIRO, L. “Smartphone que não desliga”. Uso e dependência do celular em gestores de uma grande empresa. **Anais... Anais do XXIII SEMEAD, Seminários em Administração, São Paulo, novembro de 2020**.

PORTAL FGV. **Brasil tem 424 milhões de dispositivos digitais em uso**, revela a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia. 2020. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia>>. Acesso em: 05/09/2021.

PORTAL DE COMPRAS DO GOVERNO FEDERAL. **Aplicativo compras**. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/compras/pt-br/sistemas/conheca-o-compras/aplicativo-compras>>. Acesso em: 20/04/2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Edição. Universidade Feevale. Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil. 2013.

REGAN, Timothy et al. Does mindfulness reduce the effects of risk factors for problematic smartphone use? Comparing frequency of use versus self-reported addiction. **Addictive Behaviors**, v. 108, p. 106435, 2020.

RODRÍGUEZ-GARCÍA, A.-M.; MORENO-GUERRERO, A.-J.; LOPEZ BELMONTE, J. **Nomophobia: An individual’s growing fear of being without a smartphone—a systematic literature review**. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 2, p. 580, 2020.

ROSALES-HUAMANI, J. A. et al. Determining symptomatic factors of nomophobia in peruvian students from the national university of engineering. **Applied Sciences**, v. 9, n. 9, p. 1814, 2019.

SANTOS, K. H. C. et al. Impacto do uso de smartphone na qualidade de vida e no risco para nomofobia. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 13, e11500, 2021.

SECUREENVOY. **66% of the population suffer from nomophobia the fear of being without their phone**, 2012. Disponível em: < <https://www.secureenvoy.com/en-gb/blog/66-population-suffer-nomophobia-fear-being-without-their-phone> > Acesso em 22/08/2021.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 4ª edição revisada e atualizada. Florianópolis. 2005.

SØRENSEN, E.; TORFING, J. Enhancing collaborative innovation in the public sector. **Administration & Society**, v. 43, n. 8, pp. 842-868, 2011.

STEWART, T. A. **Intellectual Capital: The New Wealth of Organisations**. New York, USA: Doubleday Business, 1997.

TAMS, S.; LEGOUX, R.; LÉGER, P. M. Smartphone withdrawal creates stress: A moderated mediation model of nomophobia, social threat, and phone withdrawal context. **Computers in Human Behavior**. v.81 p. 1-9, 2018.

TEIXEIRA, I.; SILVA, P. C. DA; SOUSA, S. L. DE; SILVA, V. C. DA. NOMOFOBIA: os impactos psíquicos do uso abusivo das tecnologias digitais em jovens universitários. **Revista Observatório**, v. 5, n. 5, p. 209-240, 1 ago. 2019.

TOLBERT, C. J.; MOSSBERGER, K.; MCNEAL, R. Institutions, policy innovation, and E-Government in the American States. **Public Administration Review**, v. 68, n. 3, p. 549-563, 2008.

VERMEULEN, F. On rigor and relevance: Fostering dialectic progress in management research. **Academy of Management Journal**, v. 48, n. 6, pp. 978-982, 2005.

YILDIRIM, C.; CORREIA, A.-P. Exploring the dimensions of nomophobia: Development and validation of a self-reported questionnaire. **Computers in Human Behavior**, v. 49, p. 130-137, 2015.

Recebido: 20/10/2022

Aprovado: 05/06/2024

DOI: 10.3895/rts.v20n60.16045

Como citar:

DE SOUSA, Juliana Carvalho; DIÓGENES JUNIOR, Francisco; DE CASTRO Ahiram Brunni Cartaxo et al. Nomofobia no ambiente organizacional de compras públicas. *Tecnol. Soc.*, Curitiba, v. 20, n. 60, p.248-270, abr./jun., 2024. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/16045>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

